

GRAMPO RESENHAS #6

__maio de 2016

Logocausto, de Leandro Sarmatz

[Florianópolis: Editora da casa, 2009]

UMA COVA NO AR

por Diego Vinhas

“Uma língua de mortos”. De alguma maneira, a morte é mesmo um idioma comum, uma segunda pele (e nós, acordando a cada dia dentro da própria finitude, temos naquela última borda quase sempre a lente que condiciona tudo o que vem antes, enquanto ainda estamos, somos, enquanto), traduzindo a um só tempo experiência personalíssima e signo construído de fragmentos alheios, mixórdia que cresce, aguarda, espera. “Uma língua de mortos” é o primeiro verso de *Logocausto*, coletânea de poemas de Leandro Sarmatz, que carrega, desde o título, a sombra pesada da *Shoah*, episódio que segue como um engasgo do mundo, de onde se pode divisar o absurdo, o sem-porquê. Embora jovem, Sarmatz faz questão de não ignorar o espectro do massacre, da perseguição, do não, inevitavelmente presente na condição judaica, embora – e aqui a ressalva não é só detalhe – rotular este conjunto de 24 poemas como “literatura de gênero” ou mera evocação histórico-elegíaca equivalha a um veredito excessivamente reducionista.

Logocausto vai além. Por meio de uma dicção hábil, Leandro elabora interfaces en-

tre *espaço, morte e linguagem*. Ou “verme, terra e vernáculo”, como aparece na peça-título, em que a língua sufocada (seja o ídiche, em vias de extinção, seja a lacuna propriamente dita, dos que ficaram, amontoados na História) convulsiona em “milhares de bocas costuradas, milhões de bocas e mais nenhuma”, restando ao autor apenas seu deslocamento (“se eu soubesse conversar com as sombras”), sua “mudez-cimento”: seu exílio.

O segundo poema chama-se, seca e afirmativamente, “Não”, que também é a palavra inaugural de *Kadish por Uma Criança Não Nascida*, livro do escritor húngaro Imre Kertész, na verdade um monólogo a partir da resposta (*não*, obviamente) à pergunta, lançada por um interlocutor, sobre se teria filhos. Kertész, que sabe na pele o impasse *arte-após-Auschwitz* – ele estava lá, aos 15 anos de idade –, escolhe não reproduzir sequer vida depois do horror, encarando o ímpar da posição do judeu no mundo (pois, segundo pondera, “tornou-se evidente que, em geral, isso era punido com a morte”) e evoca a imagem de uma “cova nas nuvens, pois aí não se poussa apertado”, do poeta Paul

Celan (outro sobrevivente da nefasta *solução final*) para falar de sua própria cova aérea, sua e também de tantos outros, que para lá já “subiram em forma de fumaça”.

Parece-me que esta última imagem, apesar de sua feição brutal, sugere ainda um oásis para fazer mais leve, etérea, a vida tão espremida, na qual a dor, em *Logocausto*, se herda e transmite aos “os filhos que, / num dia chuvoso, / virão a nós e, conosco, / servirão de bucha e merda”; essa mesma vida cujo melhor fim seria liberto de ruído ou sentido (em que talvez essa a-significação seja, por si, alívio dentro de uma existência já tão atravessada pelo signo da aniquilação), como pontuam as belas imagens de Sarmartz: “é essa absorção do tempo, / e mesmo com o tempo / um novo tipo de conúbio // ou arranjo marital que seja / proveitoso para ambas / partes: uma morte vazia, // exoesqueleto de si mesma.”

O conjunto segue denso, o espaço feito confinamento (“beco beco beco”), ainda quando se divide no trânsito de solidões, como no excelente poema “Síndrome de Estocolmo”. Aliás, aqui comparece um dado de humor – que não deixa de ser outra característica da cultura judaica –, algo sutil e corrosivo, também presente em outros momentos do conjunto, como “Portnoy’s Complaint” (*blague* do célebre personagem de Philip Roth), “História Sentimental do Teatro” e no texto que fecha o volume, novamente brincando com os contornos entre morte e linguagem: “logo todas as palavras / possíveis / estarão / completamente nulas, / frias, trêmulas e / adjetivadas: / será falta de rigor / (*e rigor mortis*)”.

Neste primeiro livro, Leandro Sarmartz, que há muito já vinha publicando, de modo esparso, sem pressa (os escritos aqui reunidos compreendem uma década: 1998-2007), revela uma poética sólida, com rigor e con-

tundência, mas sem formalismos gratuitos ou viés panfletário. Poder-se-ia mesmo dizer *estranha*, e por isso mesmo mais relevante, posto que impregnada da estranheza própria de uma história que se move sempre fronteira, embaçada, na qual “o real está guardado no fundo, / lá onde nem mais o fundo se divisa”. O poeta dá seu testemunho, inventaria seu quinhão da cova no ar cuja sombra nos cerca a todos, mas em especial aqueles atingidos, mesmo que de modo reflexo, pelos ecos do *crime do século*, que, golpeando os alicerces da razão (logo/causto), deixa vaziar este amargor perene e circular – “qualquer lado / será sempre o outro mesmo lado / será sempre a outra mesma vida.”